

REFLETINDO SOBRE A NOÇÃO DE SUBJETIVIDADE: Articulações entre as séries complementares e a fase do espelho

Marcela Carolina Schild Vieira
Daniel Kupermann

Resumo

A noção de subjetividade corresponde a um dos conceitos fundamentais na composição da teoria psicanalítica, podendo assumir diferentes terminologias e especificidades teóricas conforme a formulação de cada autor. No entanto, assim como em outros campos do saber, a Psicanálise muitas vezes também falha pela tendência de naturalizar seus objetos na forma de pressupostos. A partir do debate sobre a relação existente entre os aspectos inatos e relacionais para o processo de constituição do psiquismo, pretende-se incrementar a análise do conceito de subjetividade atribuído na contemporaneidade.

A proposta desse trabalho é promover uma articulação entre as proposições freudianas acerca da etiologia da neurose e a concepção de subjetividade no pensamento psicanalítico, mais especificamente para Winnicott e Lacan. A partir da noção freudiana das séries complementares, serão tecidas considerações sobre as formas de conceber a dinâmica entre aspectos endógenos e exógenos para os dois autores, tendo como elemento articulador o olhar de cada um para a metáfora do espelho. Pretende-se com isso analisar questões referentes às concepções de manejo clínico que nos afaste da tendência, muitas vezes esterilizante, de filiação exclusiva a determinado autor ou escola e possibilite que cada concepção teórica-clínica ganhe consistência.

Palavras-chave: séries complementares, fase do espelho, Winnicott e Lacan.

Introdução

A noção de subjetividade corresponde a um dos conceitos fundamentais na composição da teoria psicanalítica, podendo assumir diferentes terminologias e especificidades teóricas conforme a formulação de cada autor. Mesmo quando não explicitada no corpo da teoria ela está presente, aparece como uma busca pela representação de um fundamento clínico, *“isto é, a base material das operações que integram o trabalho da cura, a saber, a interpretação, a transferência, a resolução e, por fim, o desfecho do tratamento analítico”* (CABAS, 2009, p.13). No entanto, assim como em outros campos do saber, a Psicanálise muitas vezes também falha pela tendência de naturalizar seus objetos na forma de pressupostos e revela uma frágil configuração ao apoiar seus instrumentos de conhecimento, bem como seu modelo de atuação, no campo das idéias elementares. É nesse ponto delicado que se espera encontrar o lugar da impulsão necessária para a incessante reflexão sobre a genealogia dos conceitos adotados.

Apesar de não haver na obra de Freud uma definição explícita da noção de sujeito, sua presença é constante como sinônimo de “eu”, de um “si-mesmo”. Sobre sua obra, principalmente por seu início, cabe falar de um efeito perturbador na concepção de subjetividade decorrente do enfrentamento do sujeito cartesiano e à irremediável divisão promovida pela instalação do *inconsciente*. O homem proposto por ele não pode mais saber e alcançar a sabedoria total sobre si, foi preciso abandonar sua posição de agente de busca da verdade e da consciência a serviço de um conhecimento sobre si próprio. Ao percorrer a obra de freudiana é possível verificar um vasto debate sobre a etiologia das manifestações humanas, surgindo daí diversas tentativas de situar a problemática a partir da dinâmica entre fatores hereditários ou adquiridos. Sabiamente não decidiu por um outro ou por outro, procurando desdobrar a discussão na perspectiva de que ambos os processos operam simultaneamente. Freud, já preocupado com os recortes e atitudes frente às concepções teórico-científicas, advertiu: *“Aproveito aqui a oportunidade para dissuadi-los de tomar partido numa disputa supérflua. No cultivo da ciência, há um expediente ao qual muitos recorrem: escolhe-se uma parte da verdade, situando-a no lugar do todo e, em seu nome, interdita-se todo o resto que não é menos verdadeiro”* (1916, p. 315).

No entanto, é notável que as produções advindas da análise dos artigos de Freud e dos autores pós-freudianos, sejam fortemente marcados pela tendência de conferir uma prevalência dos aspectos relacionais no psiquismo. Não se espera aqui negar a existência de um grande volume teórico sobre o tema da influência do ambiente, mas abrir terreno para se propor uma outra chave de leitura. O início desse estudo segue na perspectiva de evidenciar as considerações de Freud sobre a influência dos fatores endógenos na causalidade do sujeito, e o que reconheceu como sendo o verdadeiro problema, de estrutura semelhante ao dilema: o filho é procriado pelo pai ou gerado pela mãe? Através da investigação realizada por Freud sobre o problema da etiologia das neuroses, serão aproveitadas para esse trabalho algumas de suas articulações, especialmente a concepção de equação etiológica e as idéias trabalhadas na conferência XXII.

A partir do debate sobre a relação existente entre os aspectos inatos e relacionais para o processo de constituição do psiquismo, pretende-se incrementar a análise do conceito de subjetividade atribuído na contemporaneidade. A expectativa é promover uma articulação entre as proposições freudianas acerca da etiologia da neurose e a concepção de subjetividade no pensamento psicanalítico, mais especificamente para Winnicott e Lacan. Para isso serão tecidas algumas considerações sobre as formas de conceber a dinâmica entre aspectos endógenos e exógenos para ambos, tendo como elemento articulador o olhar de cada um para a metáfora do espelho.

Formulações sobre equação etiológica

A noção de equação etiológica, utilizada em 1895 por Freud, aparece para complementar a discussão que vinha travando sobre o lugar de predominância ocupado pela hereditariedade nas afecções nervosas. Por meio dessa formulação tinha intenção de marcar o aspecto de interrelacionamento entre diversas causas e a configuração neurótica. Para isso apoiou-se na configuração de quatro estruturas de causalidade, distinguindo-as por sua função e efeito no indivíduo. Essa configuração desenha uma contextualização que não trata prioritariamente da caracterização do fenômeno, mas de seu impacto na dinâmica individual.

De forma sucinta os quatro tipos de causa são: a *predisposição*, relativos à hereditariedade; a *causa específica* que se aproxima dos fatores ambientais, e que apesar de necessária não é suficiente para produzir o efeito patogênico; a *causa concorrente* que pode ou não estar presente, operando no conjunto juntamente com a predisposição e a causa específica; e, por fim, a *causa precipitante* de natureza temporal, como o último elemento antes da aparição do efeito em análise. Nessa categorização um dos pontos fundamentais é a consideração, de que apenas dois tipos de causa, são necessários: a predisposicional e a causa específica.

A observação de uma dinâmica existente entre o hereditário e a causa específica colocou uma série de questões, desafiando o entendimento sobre como tais aspectos se afetam mutuamente. Dentre as possíveis interpretações considerou-se, por exemplo, que a hereditariedade exerce a função de amplificador (ou redutor) do efeito produzido pela causa específica, mas que essa seria uma função que poderia ser ocupada por ambos de forma alternada. Pensou-se também que a qualidade da perturbação neurótica estaria relacionada à causa específica, razão pela qual se manifestariam esses fenômenos e não outros. A partir desse modelo de compreensão Freud viu abrir um amplo caminho para pensar o campo de ação das intervenções terapêuticas: onde elas agiriam afinal, sobre o inato ou o adquirido? Nesse sentido dois dilemas se apresentam conjugados: o primeiro sobre a origem da neurose em geral e o segundo sobre as neuroses particulares.

Em a “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” de 1896, Freud apresentou concepções que iriam marcar todo o modo de compreensão psicanalítico em diante. Dentre elas pode-se destacar a graduação existente entre o patológico e a normalidade, idéia que coloca certa imprecisão em tais categorias e atesta sobre as intermináveis possibilidades de variação das manifestações psíquicas. Nesse sentido os ensaios sobre a teoria sexual (1905) avançam tremendamente e trazem com grande intensidade a intenção de universalizar as formulações freudianas. A partir das revisões que foram sendo formuladas até o ano de 1925, Freud abordou uma série de outros assuntos (perversão, homossexualismo, fetichismo) que apontam sobre a fragilidade da noção de normalidade.

Não será abordada aqui e com maior extensão o percurso de desenvolvimento da construção da Teoria da Sedução, abandonada por ele em 1897, mas parece frutífero acompanhar algumas das razões pelas quais essa formulação pareceu-lhe limitada. Dentre elas se destaca a difícil tarefa de analisar o que era tomado por ele como a causa específica, ou seja, o evento real da sedução uma vez que o registro inconsciente não é regido pelo signo da realidade. Outro motivo seria a relação direta necessária entre um maior número de manifestações perversas em detrimento aos quadros histéricos, sobre isso Freud se coloca surpreso “*diante do fato de que, em todos os casos, o pai tinha de ser apontado como perverso, sem excluir meu próprio pai, a inteligência da inesperada freqüência da histeria, em cujos casos se deveria observar condição idêntica, quando é pouco provável que a perversão contra crianças esteja difundida até este ponto. (A perversão teria de ser incomensuravelmente mais freqüente do que a histeria, pois a enfermidade só sobrevém quando os eventos se acumularam e se soma um fator que debilita a defesa.)*” (1897, p. 301). A revisão necessária de uma série de conceitos também deu maior consistência à idéia da equação etiológica na constituição e no desenvolvimento do psiquismo humano em geral.

Reformulações com a noção de *séries complementares*

O aparecimento da noção de *séries complementares* ocorreu pela primeira vez em 1916, na conferência 22 das conferências introdutórias proferidas nos Estados Unidos. Neste período pairava entorço da insatisfação da libido e, conseqüentemente, na impossibilidade de lidar com a frustração, a idéia desta configurar a causa específica na equação etiológica dos casos de neurose. Nada de novo até aqui. Retomando o princípio da equação etiológica, onde a produção de uma neurose depende da operação conjunta entre *predisposição* e *causa específica*, torna-se fundamental conceber que somente a frustração não é suficiente para a configurar o efeito patogênico. Para que se configure o quadro neurótico é preciso que a frustração aja no ponto onde o indivíduo pode se satisfazer, pois se ele apresenta recursos para deslocar sua libido para outros destinos poderá não neurotizar, mesmo que o grau de satisfação seja limitado. Se de um lado a frustração pode

ser reconhecida como um fator externo, o grau de fixação da libido corresponderia ao fator predisposicional.

O que Freud chamou de séries complementares corresponde a essa noção de conjunção entre os fatores externos e inatos na causa da neurose, sendo a proporção de influência de um ou de outro aspecto particular a cada caso. Podendo afirmar que devido a uma determinada predisposição frente a aspectos acidentais da vida um efeito é promovido, e que o efeito na relação com o ambiente poderia ser diferente caso a situação libidinal fosse outra. Dessa forma, cada equação etiológica produziria determinados efeitos conforme a intensidade da frustração e sua rigidez nas fixações libidinais. Porém, essa configuração também lhe pareceu insuficiente na medida em que haveria mais elementos em jogo, além da frustração a partir do advento acidental e sua relação com o aparato libidinal. A idéia de que essas dimensões estão presentes o tempo todo, impondo aos indivíduos uma dinâmica conflitiva incessante, torna necessário especificar então quando é que o conflito passa a ser patogênico?

Na ocorrência do deslocamento da libido para outros caminhos e objetos pela impossibilidade de satisfação, derivada do confronto entre as pulsões sexuais e pulsões do eu, tais alternativas sofreriam uma desaprovação por parte do psiquismo. Essa perspectiva revela a configuração de uma nova impossibilidade de satisfação e, portanto, a condição para o conflito: a impossibilidade de satisfação por meio dos outros destinos. O quadro neurótico advém do investimento empreendido para burlar tais limitações, o que caracterizaria os caminhos de formação do sintoma, enquanto que os sintomas serviriam de alternativa de satisfação frente à frustração.

Retomando a noção de quantidade, verifica-se que ao se tratar da libido sua variação quanto ao que cada indivíduo é capaz de investir, controlar ou administrar ao longo de sua existência não corresponde a uma lógica linear e definitiva. Tanto as pulsões sexuais como as do eu percorrem etapas no desenvolvimento que se interrelacionam, direta ou indiretamente, exigindo que em cada uma delas uma determinada organização seja montada. É evidente que essas etapas possuem suas próprias conexões e que as organizações possíveis correspondem a elementos que se repetem. A essa relação podemos

destacar o que Freud chamou, do ponto de vista da neurose, de uma predisposição¹ no desenvolvimento para fixações libidinais.

Essa contextualização traz mudanças na forma de conceber o esquema da equação etiológica, pois se num momento anterior (até 1897) que tem como marco a época da teoria da sedução, a neurose era tida como resultado da relação entre a constituição hereditária e as experiências infantis e/ ou atuais traumáticas. Em 1916 o esquema aparece com reformulações e mais complexo, articulando duas etapas na equação etiológica. Primeiramente sobre o efeito dos aspectos herdados e das experiências ambientais, considerando o elemento constitucional um derivado do conjunto de aspectos ontogênicos e filogenéticos, e que entrará em relação com as experiências infantis originando uma nova concepção de *predisposição*. O produto desta etapa, ou seja, a predisposição articula a seqüência da composição da neurose conforme trabalhada nas *séries complementares* ao se conjugar com as experiências ambientais da vida adulta. São séries complementares na medida em que uma não ocorre sem a outra, a primeira não é suficiente para dar conta da etiologia da neurose, e a segunda necessita da ocorrência de um processo anterior. Conforme a citação de Freud de 1912, “[...] *todo ser humano, por efeito conjugado de suas disposições inatas e dos influxos que recebe em sua infância, adquire uma especificidade determinada para o exercício de sua vida amorosa, ou seja, para as condições de amor que estabelecerá e as pulsões que satisfará, assim como para as metas que irá fixar-se. Isso dá como resultado, digamos assim, um clichê (ou também vários) que se repete - é reimpresso - de maneira regular na trajetória de vida, na medida em que o consintam as circunstâncias exteriores e a natureza dos objetos acessíveis, ainda que não se mantenha de todo imutável diante das impressões recentes*” (p. 97).

Sobre o nascimento da *noção de sujeito*

Ocorre que as proposições freudianas foram sendo fortemente marcadas pela perspectiva mais individualista vigente no final do século XIX, privilegiando a experiência individual em oposição aos componentes sociais, mesmo havendo em sua obra

¹ Nota-se que a noção de predisposição nessa etapa está associada à idéia de uma fixação da libido no eu, enquanto que seu uso anterior aproxima-se mais da noção de algo que pertence à constituição, uma condição do nascimento.

principalmente a partir de 1914 uma perspectiva mais relacional e intersubjetiva. Foi nesse contexto que as discussões do grupo francês entre os anos 50 e 70, juntamente com a tradição freudiana, encontraram solo fértil e iniciaram um movimento de questionamento frente a esse sujeito autônomo. Uma parte significativa desse processo está relacionada à projeção alcançada por Lacan com a *noção de sujeito do inconsciente*. A formulação dessa noção corresponde a um lugar, uma função, que se apresenta à revelia do “eu” em detrimento do desejo ser desconhecido.

O termo *infans* especifica um tempo da criança em constituição, biologicamente imaturo, que percorre o processo singular de sua subjetivação a partir do laço entre o organismo humano e seu cuidador, operações próprias da *relação primordial*. Este momento evidencia a supremacia que as relações humanas possuem para o processo de subjetivação, decorrente de uma série de operações psíquicas que ao deixar suas marcas estruturam todo um modelo de funcionamento. A subjetividade não acompanha o nascimento do indivíduo, há um processo constitutivo em jogo e para isso algumas condições precisam ser garantidas para que tudo corra bem. Diante dessa referência não parece exagerado pensar que a possibilidade para ser é o início de tudo para o sujeito, onde a noção de existência que possibilite atribuir a si próprio algo do mundo, o eu sou, é posterior ao momento do ser por garantia de outro ser humano.

A complexidade nas relações humanas, no que toca ao desenvolvimento, refere-se também à subjetividade que atravessa as experiências e promove desdobramentos singulares. Nessa perspectiva o que configura a relação primordial, do enlaçamento da mãe e o bebê, se desenrola dentro de um esquema em que outro materno em condições suficientes de investimento libidinal se assegura na suposição de que ali, naquele organismo, há um sujeito que deseja. O tempo da gestação biológica também contempla um tempo de gestação psíquica, que em alguns casos se mostra insuficiente e levam essa futura mãe a se sentir angustiada pela invasão de um corpo estranho. O trabalho psíquico de antecipação e suposição de um sujeito constitui-se numa elaboração materna que cria espaço para o bebê, transformando o estranho em familiar e inserindo-o na cadeia simbólica que suporta sua subjetivação.

A idéia de dedicar atenção à relação primordial tem por objetivo marcar, ou talvez de resgatar a marca que todo ser humano possui, quanto à impossibilidade de sobrevivência sem ajuda de um semelhante. As indagações quanto ao que há de tão fundamental para o indivíduo na ligação com o outro traz à tona o aspecto de dependência absoluta frente à prematuridade experimentada nas primeiras etapas da vida. É dessa experiência de dependência absoluta, devido à impossibilidade de sobrevivência sem a ajuda de um semelhante, que a relação primordial faz uma marca.

... No Olhar de Lacan

Diante da incompletude orgânica nos primeiros anos de vida e da questão sobre a concepção da gênese psicológica, Lacan formulou a noção de *fase do espelho*, momento em que uma série de relações imaginárias seriam fundamentais no processo de subjetivação. No texto “*O estádio do espelho como formador da função do eu, tal qual nos revelada na experiência psicanalítica*”, escrito em 1946 (XVI Congresso IPA, Zurique) e introduzido oralmente em 1936 (XIV Congresso IPA, Marienbad), expõe como os processos transcorridos nessa fase são fundamentais para a constituição do nó imaginário para o homem, contando necessariamente com a presença do outro para que a metamorfose das relações do indivíduo com seu semelhante possa ocorrer.

Com essa proposta de Lacan ocorre uma inversão na compreensão da constituição psíquica, pois retirada à autonomia do indivíduo que algumas leituras da obra de Freud sugeririam, promove-se um novo aporte teórico que coloca o surgimento do Eu como uma ocorrência de fora para dentro e não de dentro para fora. Vale apontar que o elemento mais importante dessa fórmula não é a definição do sentido pelo qual o processo ocorre, mas ao resignificar o pressuposto freudiano Lacan nos oferece uma abertura para a dupla via, coloca em movimento o par e retoma a dialética.

Dentre as contribuições da organização da fase do espelho, é valiosa a apresentação de como o outro funcionando como espelho realiza aquilo que o bebê ainda não pode realizar e como “*em função desse atraso do desenvolvimento que a maturação precoce da*

percepção visual adquire seu valor de antecipação funcional” (Lacan, 1946, p.187). Ao colocarmos em destaque a idéia de *antecipação funcional*, trazemos um importante elemento que compõe o enlace entre a mãe e o bebê, a partir de um esquema em que Outro materno está em condições suficientes de investimento libidinal por supor que ali há um sujeito que deseja. É nessa oferta de uma imagem, que informa e forma o indivíduo, que se inicia o processo de identificação articulado pela libido.

A partir da confusão imaginária com o Outro materno primordial, possível na experiência da relação especular, é que ocorre a captura do Eu Ideal. Trata-se do primeiro movimento do processo de realização do sujeito, a chamada operação de alienação, como proposto por Lacan em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Neste texto ele aborda um tempo em que estando a criança alojada na alienação plena, em que os estados de ausência/ presença se recobrem, seu único recurso apaziguador das urgências vitais e da tensão fisiológica delas advinda é a expressão do grito. Grito que por ainda não constituir demanda ressalta justamente onde está a importância da presença da figura mobilizada pelo desejo, que irá antecipar uma subjetividade no bebê que ainda não se encontra lá, mas que com o advento deste investimento poderá se instalar. Por meio dessa presença alienada, onde o indivíduo é o desejo do outro, o *infans* se identifica e se experimenta. A partir dessa alienação vai se configurando uma possibilidade de circulação do desejo no bebê, desejando o desejo do outro.

Num segundo momento, ao se dar conta que o outro lhe escapa e que alguma coisa cai, a criança deixa de ser onipotente e nessa fase ocorre a ligação do Eu às situações sociais. Essa operação instaura uma divisão psíquica irreversível no sujeito frente à repetição do desaparecimento da mãe, de forma que os significantes que acompanham esse processo são as primeiras marcas subjetivas. Dessa maneira, produz-se uma operação psíquica de separação entre a criança e a mãe possibilitando o surgimento do sujeito como representante do desejo. É nesta segunda operação de realização do sujeito, a operação de separação, que se constituirá o Ideal de Eu para indivíduo.

Ao longo do texto pode-se perceber que Lacan posiciona a discussão sobre as instâncias orgânicas e os efeitos do contato com o ambiente, colocando as formulações

sobre a noção do estágio do espelho num lugar e momento de encontro entre esses fatores. A partir da passagem destacada é possível identificar como esses elementos aparecem relacionados, pela forma como o *estádio do espelho* aparece como “*um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o desenvolvimento mental*” (p. 100). Dois aspectos retirados desse trecho merecem um pouco mais de atenção: a presença ativa da marca produzida nesse estágio ao longo de todo o desenvolvimento e a questão do corpo.

O que aparece sendo chamado de “fase” ou “estágio” já sugere uma articulação à dinâmica das relações como um todo, por essa razão tratar-se de uma marca ativa que incessantemente reverbera no indivíduo. A primeira experiência consigo próprio é composta necessariamente pela relação com o outro, o que nos leva a concluir que a *fase do espelho* trata das matrizes da alteridade. Lacan, no seminário “A relação de objeto” de 1956-57/1995, acrescenta que: “(...) o estágio do espelho está bem longe de apenas conotar um fenômeno que se apresenta no desenvolvimento da criança. Ele ilustra o caráter de conflito da relação dual” (p. 15). O destino da fase do espelho não é a superação, é o processo inesgotável de constituição subjetiva em si.

A partir da noção de corpo despedaçado que Lacan somou ao sistema de referências teóricas, é preciso fazer marcações que diferenciem esta noção de organismo, retomando o pressuposto de que o discurso psicanalítico é irreduzível ao biológico. O corpo então é tomado como uma montagem pulsional, é corpo erógeno. Acompanhando o que seria a idéia de uma precipitação psíquica frente ao orgânico, ao que Lacan entende ser um *drama* entre a insuficiência e a antecipação, o uso do termo *drama* serve para evidenciar que os elementos em questão sustentam uma contradição insolúvel. É nesse sentido que o acesso imaginário a uma unidade corporal antecede a própria maturação fisiológica e motora, sendo que “*o processo da sua maturação fisiológica permite ao sujeito, num dado momento de sua história, integrar efetivamente suas funções motoras, e aceder a um domínio real do seu corpo. Só que é antes desse momento, embora de maneira correlativa,*

que o sujeito toma consciência do seu corpo como totalidade. É sobre isso que insisto na minha teoria do estágio do espelho – a só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário de seu corpo, prematuro em relação ao domínio real” (Lacan (1975/1986) p. 96).

... No Olhar de Winnicott

Em 1967 Winnicott apresenta o texto “*O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*”, reconhecidamente inspirado pelo artigo de Lacan, mas com distinções apresentadas desde o início sobre o princípio de articulação adotado pelo autor. A intenção com esse artigo está associada à teorização sobre o desenvolvimento emocional individual, atribuindo um lugar primordial à experiência da relação de espelhamento.

Na obra de Winnicott há uma radicalização da noção de continuidade e do desenvolvimento como processo, sendo um dos principais norteadores a maneira como a subjetividade é concebida a partir do que ele chama de ‘desenvolvimento emocional’. Apresenta-a sob a forma de estágios sucessivos que vão da dependência absoluta do ambiente, passa pela dependência relativa e alcança a tendência à independência. A proposta desta última enquanto tendência surge para dar conta daquilo que nunca pode totalmente se emancipar, não havendo uma realização total justamente por seu caráter próprio do percorrer, sendo essa a condição para a fruição da ação recíproca entre união e separação. Nessa perspectiva o tempo segue pensado sempre no gerúndio, pois não se trata de existência, mas de seguir sendo. Este é o processo criativo em si: processo que diferencia, atualiza e segue inventando.

Ao iniciar o artigo “*No desenvolvimento individual, o precursor do espelho é o rosto da mãe*” (1975, p.153), é evidente a associação entre a metáfora do espelho e o que aparecerá como as funções do ambiente ao longo do desenvolvimento emocional individual. A passagem de um estágio ao outro é garantida pela capacidade de confiar na figura materna e nos elementos ambientais, o que permite dizer que a relação entre o desenvolvimento emocional e o sentimento de confiança é de dependência máxima.

Através dessa vivência, onde o rosto da mãe é o próprio ambiente e pela permissão que um componente objetivo do ambiente possa processualmente ser marcado, é que se torna possível para o bebê acessar a primeira experiência de *não-eu*, pois “*a confiança do bebê na fidedignidade da mãe e, portanto, na de outras pessoas e coisas, torna possível uma separação do não-eu a partir do eu. Ao mesmo tempo, contudo, pode-se dizer que a separação é evitada pelo preenchimento do espaço potencial com o brincar criativo, com o uso de símbolos e com tudo o que acaba por se somar a uma vida cultural*” (Winnicott, 1975, pg.151).

A idéia de uma *permissão* precisa ser associada à noção de uma adaptação muito sensível da mãe aos impulsos do bebê, possibilitando-o ter a ilusão de que objeto foi criado por ele. Com isso fica evidente que a possibilidade de *ilusionar* é prevalentemente uma operação antecipatória, sendo a boa mãe capaz de oferecer aquilo que irá satisfazer no justo ponto o que seu bebê alucina. Isto é, não antes que o bebê tenha tido a oportunidade para alucinar, não impedindo dessa maneira sua capacidade criativa. Esse nível de adaptação é da ordem do que faz com que a mãe seja o bebê e o bebê seja a mãe, pois ao se falar de uma adaptação perfeita também está se falando de um estado de dependência absoluta. Este estado materno congrega elementos originários de onipotência, de modo que a mãe pode satisfazer as necessidades e falhar conforme a tolerância adaptativa da criança.

Para Winnicott haveria uma tendência inata do bebê em direção ao estado de dependência absoluta, mas que em alguns casos isso parece não acontecer. Ao não receberem os cuidados necessários o bebê se quer pode realizar-se como tal, não sendo os componentes orgânicos suficientes para sua constituição. É imprescindível que haja o encontro entre suas tendências inatas com o ambiente facilitador do desenvolvimento, possibilitando seus processos maturacionais. Quando isso não ocorre, dependendo da magnitude das frustrações geradas pelas falhas ambientais, a maneira pela qual cada bebê lida com a situação poderá evoluir para um tipo de organização patológica da personalidade.

As formulações winnicottianas possuem seu maior reconhecimento no papel que é atribuído às influências dos aspectos ambientais, mas é também fundamental reconhecer a

grande importância que o autor concedeu aos aspectos hereditários. Para isso serão destacados dois trechos, que parecem suficientes para colocar os aspectos inatos numa área de destaque da teoria, ambos retirados do livro “Natureza Humana”:

1) *“Presume-se que toda hereditariedade se dê ao nível físico, mesmo quando a consequência é psicológica ... A base da psique é o soma, e, em termos de evolução o soma foi o primeiro a chegar. A psique começa como uma elaboração imaginativa das funções somáticas, tendo como tarefa mais importante a interligação das experiências passadas com as potencialidades, a consciência do momento presente e as expectativas para o futuro”* (p. 37)

2) *“Instinto é o termo pelo qual se denominam poderosas forças biológicas que vêm e voltam na vida do bebê ou da criança, e que exigem ação ... No bebê e na criança há uma elaboração imaginativa de todas as funções corporais ”* (p.57).

Espera-se que o contato com esses dois trechos possa suscitar a atitude de suportar o paradoxo que o dilema entre os aspectos inatos e adquiridos mais uma vez coloca, paradoxo que por sua vez é uma das noções mais trabalhadas por Winnicott. Sobre isso podemos retomar uma de suas passagens que aborda a noção dos fenômenos transicionais, apontando não ser adequado colocar ao bebê a questão: *“você encontrou esse objeto ou o encontrou?”* (1975, pg. 134). Com isso considera não se tratar de uma escolha entre a realidade psíquica interna nem tampouco a realidade externa, mas da qualidade da atitude de nossa observação que suporta a interação entre ambas, uma vez que realizar tal escolha possui estrutura semelhante ao dilema: o filho é procriado pelo pai ou gerado pela mãe?

Reflexos Possíveis – Articulações entre as séries complementares e a fase do espelho

A partir do eixo de análise das noções anteriormente trabalhadas, uma outra percepção da construção teórica aparece como possível – aqui chamada de outra por ser considerada diferente da tendência mais freqüente na leitura dos conceitos abordados. Foi com isso possível afirmar como o problema da escolha entre o inato e o adquirido, como causa primeira da neurose, não era a principal preocupação de Freud. Evidenciando que ao longo da sua obra a polarização entre tais aspectos foi perdendo força, abrindo espaço para uma compreensão onde a hereditariedade e os fatores ambientais aparecem sempre conjugados. É nesse sentido que se verifica o permanente funcionamento da equação etiológica a partir das séries complementares, em que os fatores estão permanentemente agindo e suscetíveis a diferentes intensidades que podem afetar o resultado final.

A experiência clínica com crianças, especialmente as com psicopatologias graves, mostra que apesar dos entraves na constituição subjetiva algo do desenvolvimento se impõe, tal como aquisições cognitivas e habilidades motoras. Aqui o corpo com seus processos maturativos, apesar de não ser suficiente para garantir a ascensão subjetiva, aponta alguns limites e fronteiras. Reconhecer o drama entre as incidências psíquicas e a questão orgânica parece adequado, desdobrando para um tipo de relação onde as marcações quanto à supremacia de um ou de outro dizem respeito apenas ao estatuto teórico. Os movimentos entre essas dimensões somente poderão ser apreendidos na disponibilidade de análise da singularidade, não sendo adequado nos apoiar em noções como determinismo e causalidade.

Há uma distinção elementar no modo de conceber o papel especular materno para Lacan e Winnicott, divergências que se encontram relacionadas ao espectro que cada um dos autores pretendia elucidar no decorrer dos textos elaborados. Enquanto na perspectiva lacaniana a metáfora do espelho serve como alternativa para o entendimento da formação da *função do eu*, atribuindo aos processos identificatórios, constitutivos do nó imaginário para o homem, a metamorfose das relações objetais em razão da presença do outro. A leitura winnicottiana está relacionada ao projeto maior do autor de trabalhar a noção de transicionalidade, colocando a função materna na ordem daquilo que faz com que a mãe

seja o bebê e o bebê seja a mãe num primeiro momento de ascensão ao espectro ambiental, num estado que congrega os elementos próprios da onipotência originária da mãe graças à *“identificação extremamente sofisticada (da mãe) com o bebê, na qual ela se sente muito identificada com ele, embora, naturalmente, permaneça adulta”* (2006, p.9), resulta disso a idéia do rosto da mãe como percussor do espelho/ ambiente.

Um dos grandes desafios deste estudo está na iniciativa de trabalhar com idéias lacanianas e winnicottianas, sendo uma linha muito delicada responsável por articular essa proposta. Espera-se com isso evitar aproximações que se mostrem em forçosos encontros e desencontros, uma vez que estão sendo colocados autores que despertam usualmente posicionamentos teóricos radicais. Não se pretende uma confrontação dos caminhos escolhidos e nem uma forçosa aproximação, mas podemos tomar certamente como ponto de convergência entre ambos os autores a dedicação em atribuir grande importância à função do outro na relação primordial. Este sim parece um ponto de contato entre as duas produções, onde claramente os desdobramentos daí ocorridos ganham contornos conforme as especificidades de cada leitura teórica. Portanto, falar sobre o nascimento do sujeito é falar de um reconhecimento materno, uma vez que isso introduz marca pelo movimento de apreensão realizado na dupla e que para a criança é experimentada como o acesso à sua própria imagem. É interessante pensar o que dessa leitura da relação especular, ou da posição do outro primordial, tanto para Lacan como para Winnicott, versa sobre uma metáfora de sustentação ambiental? E mais, o que disso opera nos aspectos inatos e hereditários? Ficam as questões.

A partir das articulações teóricas propostas, abrem-se muitos caminhos para pensar o trabalho do analista à luz dos modelos concebidos acerca da constituição subjetiva. A seqüência aponta para reflexões possíveis acerca dos manejos clínicos mais adequados diante do sofrimento psíquico, na qual cada uma das concepções teórico-clínicas apresentadas ganha consistência e afasta-nos da tendência, muitas vezes esterilizante, de filiação exclusiva a determinado autor ou escola. Esse ponto delicado deve impulsionar uma incessante reflexão sobre a genealogia dos conceitos adotados, evitando-se a frágil configuração que pretende apoiar um modelo de conhecimento e de atuação no campo das certezas. Por genealogia entende-se o *“projeto de uma inserção dos saberes na hierarquia*

do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico” (Foucault,2002, p.16) .

Assim como uma dobradura de papel pode assumir belas figuras, que ampliam nosso acervo criativo e nos enriquece subjetivamente, ela também pode ter como destino o desperdício. Na arte do Origami, dobrar exige responsabilidade sobre as marcas deixadas no papel, uma dose de cautela e outra tanta de ousadia. Ao mesmo tempo em que encanta nossos sentidos por sua beleza e agilidade, trata-se de uma fração representativa, um símbolo, que não alcança a coisa em si. A dedicação aplicada às dobraduras de papel é semelhante no processo de confecção de uma teoria, que tem em seu leito a frustração da condição de apresentar o erro, dado que o problema permanece inatingível... Ou, talvez, por suscitar a impotência ao trazer apenas uma mínima dobra de verdade, servindo à tendência de simplificar o complexo.

Referências Bibliográficas

Cabas, A. G., 2006, O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan - da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro, Brasil. P. 13.

Foucault, M., 2002. Em defesa da sociedade. Martins Fontes, São Paulo, Brasil. P.16.

Freud, S. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud.

_____ 1895: “Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidade de ‘neurosis de angustia””. *Sigmund Freud - Obras completas*. Buenos Aires, Editorial El Ateneo, tomo 1, 2005

_____ 1896: “La herencia y la etiologia de las neurosis”. Editorial El Ateneo, tomo 1, 2005

_____1897: “Carta de 21 de setembro de 1897”. In: *A correspondência completa de Sigmund Freud e Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro, Imago, 1985.

_____1905: “Tres ensayos de teoría sexual”. *Sigmund Freud - Obras completas*. Buenos Aires, Editorial El Ateneo, tomo 2, 2005.

_____1912: “La dinámica de la transferencia”. Editorial El Ateneo, tomo 2.

_____1914: “Historia del movimiento psicoanalítico”. Editorial El Ateneo, tomo 2.

_____1916-17: “22a Conferencia de introducción al psicoanálisis”. Editorial El Ateneo, tomo 2.

Fontes, I., “A adicção sob a ótica da psicanálise do sensível” – *Cadernos Psicanalíticos*, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 29, n. 20, p 175-189, 2007.

Lacan, J., 1985, Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, Brasil

_____. O Seminário Livro I: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1975)

_____1998, *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, Brasil.

Winnicott, D. W., 1975. *O Brincar e a Realidade*. Imago, Rio de Janeiro, Brasil. P. 138 e 153.

_____1983. *O Ambiente e os Processos de Maturação*, Porto Alegre: Artmed. P.227

_____1990. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago Ed. P. 37 e 57.

_____2006. *Os bebês e suas mães*, São Paulo: Martins Fontes.

